

# JAMES PATTERSON

E MAXINE PAETRO

# 5<sup>o</sup> CAVALEIRO



PRÓLOGO

# NA CALADA DA NOITE

## capítulo 1

**A**CHUVA CASTIGAVA AS JANELAS QUANDO começou a ronda da madrugada no Hospital Municipal de São Francisco. Na UTI, Jessica Falk dormia profundamente no seu leito, como se boiasse num tranquilo lago de analgésicos.

Ela estava tendo um dos sonhos mais lindos da sua vida.

Jessica e seu precioso tesouro, a pequena Claudia, de três anos, nadavam nos fundos da casa da avó da menina. Usando apenas uma boia rosa-shocking em cada braço, Claudia brincava na piscina, seu cabelo molhado brilhando ao sol.

– Seu mestre mandou: beijo de borboleta, Claudia!

– Assim, mamãe?

Mãe e filha riam sem parar, dando cambalhotas na água e gritando de felicidade, quando, sem nenhum aviso, Jessica sentiu uma dor insuportável no peito.

Ela acordou com um grito e se sentou rapidamente, levando as duas mãos ao coração.

*O que está acontecendo? Que dor é essa?*

Então se deu conta de que estava internada – e que mais uma vez passava mal. Lembrou-se de como tinha chegado até ali, da sirene da ambulância, do médico dizendo que tudo estava sob controle, que ela não precisava se preocupar.

Relaxando o corpo sobre o colchão, quase desmaiando, procurou pela campainha para chamar a enfermeira. Ao encontrá-la, deixou que ela escorregasse de seus dedos, batendo contra a lateral da cama com um barulho metálico.

*Meu Deus, não consigo respirar. O que está acontecendo? Estou sufocando. Que horrível! Estou passando mal.*

Jogando a cabeça de um lado para outro, Jessica corria os olhos pelo quarto quando percebeu um vulto na sombra.

Um rosto conhecido.

– Graças a Deus! – Seu tom de voz era ofegante. – Por favor, me ajude! É meu coração!

Jessica esticou os braços, fechando os dedos sobre o nada, mas o vulto não se moveu.

– *Por favor!* – implorou ela.

O vulto não se mexia, não tomava nenhuma providência para ajudá-la. *Que diabos está acontecendo? Aqui é um hospital. A pessoa escondida nas sombras trabalha aqui.*

Minúsculos pontos pretos foram surgindo diante dos olhos de Jessica enquanto uma dor lancinante roubava o ar dos seus pulmões. Em poucos segundos, tudo o que ela conseguia enxergar era uma nesga de luz.

– Por favor, me ajude. Acho que estou...

– Sim – disse o vulto na sombra –, você está morrendo, Jessica. É bonito ver sua passagem.

## capítulo 2

**A**S MÃOS DE JESSICA SE debateram sobre o lençol, em desespero. Em seguida ficaram quietas. Ela havia acabado de morrer.

O Notívago deu três passos à frente e curvou o tronco sobre o leito. A pele da morta em pouco tempo ganharia uma coloração azulada, pegajosa ao toque, e suas pupilas estavam imóveis. Pulso zero. Nenhum sinal vital. Onde ela estaria agora? No céu? No inferno? Ou em lugar nenhum?

O vulto endireitou a campainha, esticou o lençol sobre a cama e realinhou o cabelo louro do cadáver, não se esquecendo da barra da camisola. Depois tirou um lenço do bolso e secou a saliva que escorria da boca da mulher.

Dedos ágeis ergueram o porta-retratos ao lado do telefone na mesinha de cabeceira. Aquela mãe que segurava a filhinha no colo era uma bela mulher... Claudia. Era esse o nome da menina, certo?

O Notívago colocou o porta-retratos de volta na mesa, fechou os olhos da morta e pôs sobre cada pálpebra um pequeno disco dourado, menor que uma moeda de 10 centavos. Os dois traziam gravados na superfície um caduceu, símbolo da medicina em que duas serpentes se entrelaçam num bastão com duas asas.

Um adeus foi sussurrado em meio ao ruído dos carros que, na rua, cinco andares abaixo, cruzavam o asfalto molhado.

– Boa noite, princesa.

PARTE 1

# PREMEDITAÇÃO

## capítulo 3

**EU EXAMINAVA UMA PILHA DE** pastas com 18 casos de homicídio ainda não resolvidos quando atendi a ligação de Yuki Castellano, minha amiga advogada.

– Mamãe quer nos levar para almoçar no Café Armani – disse a mais nova integrante do Clube das Mulheres contra o Crime. – Você precisa conhecê-la, Lindsay. Ela é capaz de encantar uma serpente até o animal entregar a própria pele. Mas no bom sentido, claro.

Vejamós... o que fazer? Café frio com salada de atum na minha mesa ou um delicioso almoço mediterrâneo, com direito a salada fresca e lasquinhas de parmesão, uma taça de vinho e a companhia de Yuki e sua mãe encantadora de serpentes?

Arrumei as pastas, disse à nossa assistente, Brenda, que voltaria em poucas horas e saí sabendo que não precisaria retornar antes das três, horário de uma reunião com toda a equipe.

Aquele dia ensolarado de setembro encerrava uma longa temporada de chuva e com certeza seria um dos últimos dias de glória antes que o outono, frio e úmido, tomasse conta de São Francisco.

Era maravilhoso estar ao ar livre.

Eu me encontrei com Yuki e a mãe dela, Keiko, na sofisticada região comercial da Union Square e dali a pouco estávamos conversando sem parar, seguindo pela Maiden Lane rumo à Grant Avenue.

– Vocês, moças, modernas demais – disse Keiko, graciosa como um passarinho, miúda, bem vestida e bem penteada, com duas sacolas de butiques penduradas em cada braço. – Homem não gosta mulher independente – ela falou, tropeçando no idioma.

– *Mamããã* – resmungou Yuki. – Dá um tempo, vai! Estamos no século XXI. E este país se chama Estados Unidos!

– Veja você, Lindsay – prosseguiu Keiko, dando as costas para a filha e apertando meu braço. – Uma mulher com pistola!

Yuki e eu caímos na gargalhada, rindo tão alto que mal ouvimos a senhora de olhos puxados se explicar:

– Que homem querer mulher com arma na bolsa?

Diante do sinal fechado para pedestres, aproveitei para secar os olhos, àquela altura encharcados de tanto que eu ria.

– Mas eu *tenho* namorado – comentei.

– Se tem! – exclamou Yuki, entregando o jogo: – Joe é um italianão boa-pinta, igual ao papai. E tem um cargo importante no governo. Segurança Interna.

– Ele faz namorada Lindsay rir? – perguntou Keiko, ignorando completamente as credenciais de Joe.

– Ahã. Tem vezes que a gente se acaba de rir.

– Trata namorada bem?

– *Muuuuuito* bem – respondi, rindo.

Keiko assentiu, dizendo:

– Conheço esse sorriso. Lindsay encontrou um homem desrespeitoso.

Mais uma vez Yuki e eu caímos na gargalhada e, a julgar pelo brilho nos olhos dela, Keiko estava adorando o papel de mãe interrogadora.

– Quando você ganha aliança desse Joe?

Eu fiquei vermelha. Keiko havia enfiado o dedo na ferida. Um dedo com a unha perfeitamente pintada, aliás. Joe morava em Washington, do outro lado do país. Na realidade, eu não fazia ideia de para onde estava indo nosso relacionamento.

– Ainda não estamos no estágio da aliança – respondi.

– Você ama esse Joe?

– Muito – admiti.

– E Joe ama Lindsay?

A mãe de Yuki ainda me avaliava com um olhar maroto quando de repente as feições de seu rosto se enrijeceram como pedra. Os olhos cheios de vida se reviraram e os joelhos cederam.

Ainda tentei socorrê-la, mas não houve tempo.

Keiko despencou na calçada com um gemido que fez meu coração gelar. Eu não acreditava no que estava acontecendo. Será que ela estava sofrendo um AVC?

Yuki deu um grito e depois se abaixou ao lado da mãe, segurando o rosto dela e berrando:

– Mamãe! Mamãe, acorda!

– Yuki, deixe comigo! *Keiko*. Keiko, está me ouvindo?

Meu coração pulava dentro do peito quando levei os dedos à carótida de Keiko e contei seus batimentos cardíacos com a ajuda do relógio.

Ela estava respirando, mas a pulsação era tão fraca que eu mal conseguia senti-la.

Peguei meu celular e liguei para a Central.

– Tenente Boxer, matrícula 2.721 – fui logo dizendo. – Preciso de uma ambulância na esquina da Maiden com a Grant. *Rápido!*

## capítulo 4

O HOSPITAL MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO é enorme, praticamente uma cidade. Construído pela prefeitura, foi privatizado há alguns anos, mas ainda recebe uma grande quantidade de moradores de rua e pacientes transferidos de outros hospitais, atendendo mais de 100 mil pessoas por ano.

Keiko Castellano estava num dos leitos isolados por cortinas que ocupavam a grande e movimentada emergência. Na sala de espera, eu sofria ao lado da minha amiga, temendo que o pior acontecesse.

Não havia como não me lembrar da última vez em que eu estivera num hospital: as mãos fantasmagóricas dos médicos examinando meu corpo, os batimentos indecisos do meu coração, o medo de não conseguir sobreviver.

Naquela noite fatídica, embora meu turno já tivesse terminado, eu havia saído para uma ronda sem imaginar que ela pudesse acabar em tragédia. Eu e o inspetor Warren Jacobi, amigo e ex-parceiro, fomos baleados numa rua deserta. Jacobi ficou inconsciente, caído no chão, e eu ainda encontrei forças para atirar de volta.

E minha mira foi boa, talvez até demais.

Pode ser um triste sinal dos tempos o fato de a opinião pública sempre tomar o partido dos civis baleados por policiais, e nunca dos policiais baleados por civis. Acabei processada pela família das supostas “vítimas” e por muito pouco não perdi tudo o que tinha.

Eu mal conhecia Yuki Castellano naquela época.

Mas ela foi a advogada brilhante, determinada e talentosa que veio em meu socorro num momento tão difícil. Acabou conquistando minha eterna gratidão.

Com o rosto transtornado e atropelando as palavras com a voz embargada, ela agora dizia:

– Não faz sentido, Lindsay. Você viu. Mamãe estava ótima. Só tem 55 anos, caramba! É forte como um touro! Que diabos está acontecendo? Por que eles não dizem nada? Por que não deixam que eu entre, só para ver como ela está?

Eu não tinha respostas, mas, assim como Yuki, já estava perdendo a paciência. Onde havia se metido a porcaria do médico? Aquilo era um absurdo. Algo simplesmente inaceitável. Por que ele demorava tanto?

Eu cogitava me levantar para tomar alguma providência quando um médico entrou na sala de espera. Correu os olhos pelo lugar e então chamou o nome de Yuki.

## capítulo 5

**N**O BOLSO DO JALECO, O crachá informava: “Dr. Dennis Garza – Diretor da Emergência”.

Não pude deixar de notar que ele era um homem bonito: 40 e poucos anos, mais de um metro e oitenta, ombros largos, em boa forma. A ascendência hispânica ficava evidente nos olhos escuros e no cabelo preto que lhe cobria a testa.

No entanto, o que mais me impressionava eram a tensão do corpo dele, a postura rígida e a impaciência com que o médico mexia na corrente do Rolex, como se dissesse: *Sou um homem importante e ocupado. Vou ser breve.* Não sei bem o motivo, mas não gostei dele.

– Sou o Dr. Garza – apresentou-se a Yuki. – Sua mãe provavelmente sofreu um insulto neurológico. É o que chamamos de AIT, ataque isquêmico transitório, ou um pequeno AVC. Em termos simples, trata-se de uma diminuição na irrigação e na oxigenação do cérebro. É possível que ela também tenha tido um pouco de angina, a dor causada pela obstrução das artérias coronárias.

– Isso é sério? Ela ainda está sentindo dor? Quando vou poder falar com ela?

Yuki encheu o médico de perguntas até ele erguer o indicador para pedir a palavra.

– Ela está um pouco confusa. A maioria das pessoas se recupera em 30 minutos, mas outras, e talvez seja o caso da sua mãe, precisam de 24 horas. Ela está sob observação. Visitas são terminantemente proibidas. Vamos ver como ela passa a noite, está bem?

– Mas ela vai ficar boa, não vai? *Não vai?* – insistiu Yuki.

– Srta. Castellano – respondeu o médico –, tente se acalmar. Assim que tiver mais notícias, eu a procuro.

A porta da emergência se fechou atrás do médico antipático e Yuki deixou o corpo cair sobre a cadeira, dobrou o tronco e escondeu o rosto entre as mãos, chorando. Eu jamais tinha visto minha amiga chorar e era angustiante não poder fazer nada para aliviar sua dor.

Já havia feito tudo ao meu alcance.

Então passei o braço pelos ombros dela e disse:

– Está tudo bem, querida. Sua mãe está sendo bem cuidada. Logo, logo ela vai ficar boa.

Apesar da minha tentativa de consolá-la, Yuki não conseguia segurar o choro. Parecia frágil e assustada, quase uma garotinha.

## capítulo 6

A SALA DE ESPERA NÃO TINHA janelas. Os ponteiros do relógio acima da máquina de café seguiam seu curso, deixando a tarde para trás, ganhando a noite, atravessando a madrugada. O Dr. Garza ainda não havia aparecido, tampouco mandara notícias.

Durante aquelas intermináveis 18 horas, Yuki e eu nos revezamos pegando café, indo ao banheiro, caminhando pela sala, lendo revistas, com apenas um sanduíche no estômago, comprado numa máquina no corredor. No restante do tempo ficamos sentadas e em silêncio, ouvindo a respiração uma da outra sob a luz fria das lâmpadas fluorescentes.

Por volta das três da madrugada, Yuki dormiu com a cabeça no meu ombro, mas acordou 20 minutos depois, assustada.

– Alguma novidade? – perguntou.

– Não, amiga. Tente dormir mais um pouco.

Mas ela não me deu ouvidos.

Sentadas lado a lado naquele lugar gelado e inóspito, observávamos os rostos que aos poucos iam mudando à nossa volta: o casal de mãos dadas com um olhar vazio, o pai e a mãe com os filhos dormindo no colo, um senhor solitário.

Quando a porta da emergência se abria, todos os rostos se voltavam na direção dela.

Às vezes um médico entrava.

Às vezes ouvíamos gemidos e choros.

Faltava pouco para as seis da manhã quando uma jovem residente de olhos cansados e jaleco sujo de sangue saiu da emergência e chamou o nome de Yuki.

– Como ela está? – perguntou minha amiga, levantando-se de um pulo.

– Mais lúcida agora, portanto está melhor – respondeu a moça. – Ela vai ficar internada por uns dias e fazer alguns exames, mas você poderá vê-la assim que a transferirmos para o quarto.

Yuki agradeceu à residente e mostrou um sorriso bastante razoável diante das circunstâncias.

– Graças a Deus, Lindsay, mamãe vai ficar boa! – desabafou, mais animada.

– Nem sei como lhe agradecer por ter ficado comigo a noite toda. – Segurou minha mão e, com os olhos marejados, emendou: – Nem sei o que teria feito sem sua ajuda. Você foi minha salvação.

Apertei-a num abraço, dizendo:

– Yuki, nós somos amigas. Você sabe que pode contar comigo para qualquer coisa, não sabe? *Qualquer coisa!* Ligue mais tarde para dar notícias, está bem?

– O pior já passou – disse ela. – Você não precisa se preocupar mais com a gente, Lindsay. Muito obrigada. Obrigada mesmo!

Olhei para trás depois de sair para a rua pelas portas automáticas do hospital.

Yuki estava lá dentro, sorrindo para mim e acenando um adeus.

## capítulo 7

**H**AVIA UM TÁXI LIVRE NA porta do hospital. Milagre. Desabei no banco de trás sentindo-me um traste, com o corpo totalmente moído. Passar a noite em claro é coisa para jovens, não para mulheres – digamos – um pouco mais maduras.

Por sorte o motorista não puxou conversa enquanto rumávamos para Potrero Hill com o dia amanhecendo do lado de fora.

Em poucos minutos eu abria a porta do meu simpático sobrado vitoriano de fachada azul, de três andares, que divido com outros dois inquilinos. Saltando os degraus aos pares, subi a escada até o segundo pavimento.

Martha, minha adorável border collie, me esperava na porta como se eu tivesse ficado fora por um ano. Eu sabia que ela havia comido e passeado com a “babá” (Karen deixara a conta na mesa da cozinha), porém Martha estava com saudades de mim, e eu, dela.

– A mãe de Yuki está no hospital – disse à minha fiel amiga, pouco me lixando para quem acha loucura conversar com animais. Abracei-a e ela me deu um de seus beijos molhados, me seguindo até o quarto.

Minha vontade era me jogar na cama e me entregar a um bom sono de oito horas, mas acabei optando por vestir uma roupa esportiva amarrotada da Universidade de Santa Clara e levei Sua Majestade a Cadela para um passeio na rua, apesar da neblina espessa que ainda cobria a baía.

Às oito em ponto eu estava no trabalho, olhando através das vidraças do meu cubículo para a área ocupada pelo Departamento de Homicídios, que àquela hora passava pela mudança de turno.

A pilha de pastas à minha frente havia crescido e o botão na secretária eletrônica piscava furiosamente. Eu me preparava para arregaçar as mangas quando uma sombra se projetou sobre a mesa e a garrafa térmica de café.

Um homem enorme com uma calvície em estágio avançado estava à minha porta. Aquele rosto feio era um velho conhecido meu.

O inspetor Warren Jacobi aparentava o desgaste de um policial que havia ultrapassado a barreira dos 50 anos. Os poucos cabelos que ainda restavam na cabeça do meu ex-parceiro estavam brancos e seus olhos, com as pálpebras caídas, ficaram ainda mais sérios depois das balas que o atingiram na Larkin Street.

– Você está com cara de quem dormiu no banco da praça, Boxer.

– Obrigada, meu amor.

– Espero que tenha se divertido.

– Muito. E aí, Jacobi, quais são as novidades?

– Há 20 minutos, um corpo foi encontrado num Cadillac no estacionamento do Opera Plaza – disse. – Uma mulher. Muito bonita, segundo disseram.

## capítulo 8

**O** ESTACIONAMENTO DO OPERA PLAZA É uma enorme caverna junto ao prédio que abriga cinemas, escritórios e lojas numa parte movimentada da cidade.

Jacobi parou nosso carro à frente das viaturas que bloqueavam a rampa de acesso à garagem na Golden Gate Avenue. Ninguém entrava nem saía. Os curiosos se aglomeravam na calçada.

– Fico impressionado com esse pessoal – comentou Jacobi. – Eles sentem o cheiro de presunto de longe. Sabem quando o chumbo é grosso.

Abrindo caminho através da pequena multidão, ouvi as reclamações dos clientes do estacionamento: “É você que está no comando?”, “Ei, preciso do meu carro. Tenho uma reunião daqui a cinco minutos!”

Passei por baixo da fita amarela da polícia e me posicionei na base da rampa, fazendo bom uso do meu metro e cinquenta e cinco de altura. Disse meu nome e fui tratando de pedir desculpas pelo incômodo.

– Por favor, tenham um pouco de paciência. Lamento informar, mas o estacionamento está interdito em razão de um crime ocorrido no recinto. Espero tanto quanto vocês que tudo se resolva o mais rapidamente possível.

Esquivei-me de algumas perguntas e virei o rosto quando alguém me chamou. Era o inspetor Rich Conklin, novo parceiro de Jacobi, que vinha descendo a rampa ao nosso encontro.

Eu gostei de Conklin assim que o conheci, alguns anos antes, quando ele era um dedicado policial de rua. Após várias detenções bem-sucedidas e algumas medalhas por bravura, ele foi promovido ao Departamento de Homicídios com apenas 29 anos.

Conklin chamou bastante atenção das mulheres quando trocou o uniforme pelo distintivo dourado de inspetor. Com um metro e oitenta e cinco de altura, músculos bem distribuídos, olhos escuros e cabelo castanho-claro, ele tinha o aspecto saudável de um jogador de beisebol ou de um fuzileiro naval.

Não que eu prestasse atenção nessas coisas.

– O que temos aí? – perguntei a ele.

Encarando-me de modo sério e respeitoso, Conklin respondeu:

– A vítima é uma mulher branca, tenente. Vinte e um, 22 anos. As marcas no pescoço sugerem estrangulamento.

– Alguma testemunha?

– Infelizmente, não. Aquele sujeito ali trabalhou a noite inteira – disse Conklin, apontando para o cabeludo de aspecto desleixado que era responsável pelo estacionamento –, mas não viu nada de anormal, como era de esperar. O nome dele é Angel Cortez. Falava com a namorada pelo telefone quando uma cliente desceu a rampa aos berros. O nome dela é... – ele consultou suas anotações – Angela Spinogatti. Deixou o carro ontem à noite e quando veio buscar hoje de manhã viu o corpo no Cadillac.

– Você pesquisou a placa do carro? – perguntou Jacobi.

Conklin fez que sim com a cabeça, virando uma página no bloquinho de anotações.

– O veículo está em nome de Lawrence Guttman, dentista. Sem antecedentes criminais. Estamos tentando localizá-lo.

Agradei a Conklin, mas pedi a ele que achasse o tíquete de estacionamento do Cadillac e as gravações do circuito interno.

Em seguida subi a rampa com Jacobi.

Apesar da noite maldormida, eu começava a sentir uma leve descarga de adrenalina no sangue, imaginando a cena do crime, cogitando por que diabos uma mulher tão jovem havia sido estrangulada naquele lugar.

Era possível ouvir passos no alto da rampa. Muitos passos. Minha equipe estava em ação.

Uma dúzia de oficiais da Polícia de São Francisco andava de um lado para outro naquela espiral de concreto, vasculhando as latas de lixo, anotando as placas, procurando por qualquer coisa que nos ajudasse antes que o lugar fosse reaberto.

Assim que dobramos a curva que levava ao quarto andar, Jacobi e eu vimos o Cadillac, um modelo preto antigo mas bem conservado, sem nenhum arranhão. Estava parado de frente para outro estacionamento, o do Civic Center, na McAllister.

– De zero a 100 em menos de cinco segundos – piscou Jacobi, cantando razoavelmente bem a musiquinha da Cadillac.

– Dá um tempo, parceiro – respondi, rindo.

Charlie Clapper, chefe da equipe de perícia, levantou a cabeça com a habitual cara fechada e colocou a câmera fotográfica sobre o capô do Honda que estava ao lado do Cadillac. Ele usava um blazer de lã cinza que combinava com seus cabelos grisalhos.

– Lindsay e Jacobi, bom dia aos dois. Mais um presunto para vocês.

Calcei as luvas de borracha e me aproximei do carro. Vi que o porta-malas estava trancado. A vítima ocupava o banco do passageiro, com as mãos cruzadas no colo e os olhos claros arregalados numa expressão de ansiedade.

Como se esperasse pela chegada de alguém.

– Caramba! – disse Jacobi em tom de indignação. – Jovem, linda e bem-arrumada. É revoltante!

## capítulo 9

– **NÃO ENCONTREI NENHUMA BOLSA** – comentou Clapper. – Deixei as roupas intactas para o exame do legista. Só peças de grife. Devia ser rica. O que você acha?

Senti um misto de tristeza e revolta ao ver a expressão sonhadora no rosto da vítima.

A pele era muito clara, coberta por uma leve camada de base e com um pouquinho de blush nas faces. O cabelo tinha um corte da moda e mechas com luzes, e as unhas haviam sido feitas recentemente.

Tudo naquela mulher cheirava a privilégio e dinheiro. Era como se ela estivesse desfilando na passarela da vida quando algum psicopata lhe roubara tudo de uma vez.

Pressionei as costas da mão contra uma das faces dela. A pele estava quente, o que significava que a jovem ainda vivia na noite anterior.

– Não foram os Três Patetas que fizeram isso – observou Jacobi, e eu assenti com a cabeça.

Nos meus primeiros dias no Departamento de Homicídios aprendi que havia dois tipos de crime: um cujas provas eram desorganizadas, isto é, respingos de sangue, objetos quebrados, cartuchos de bala espalhados e corpos pelo chão.

E o outro era exatamente como aquele. Organizado. Planejado. Uma nítida evidência de premeditação.

As roupas da vítima estavam em perfeito estado, nada fora do lugar, nenhum botão faltando. E o cinto de segurança ainda se encontrava afivelado, prendendo-a pelo tronco na diagonal.

Será que o assassino tinha alguma ligação afetiva com ela?

Também era possível que aquilo tudo não passasse de um tipo de recado para quem encontrasse o corpo.

– A porta do passageiro foi aberta com uma lâmina de metal – informou Clapper. – Todas as superfícies foram limpas depois. Nenhuma impressão digital foi encontrada dentro ou fora do carro. E vejam aquilo ali.

Ele se referia a uma câmera no alto de um pilar de concreto. Ela estava virada para a rampa do estacionamento, na direção *oposta* ao Cadillac. Depois ele indicou uma segunda câmera, que apontava para a rampa que *subia* para o quinto andar.

– Infelizmente essas câmeras não viram nada – disse Clapper. – O carro está num ponto cego.

É por esse e outros motivos que gosto de Charlie. Ele sabe o que está fazendo, mostra o que está vendo, mas não tenta assumir o controle da cena do crime. Deixa que nós também façamos nosso trabalho.

Apontei minha lanterna para o interior do veículo, anotando mentalmente os detalhes relevantes.

A vítima parecia ter levado uma vida saudável, pesava cerca de 50 quilos e tinha aproximadamente um metro e cinquenta e cinco de altura. Nenhuma aliança na mão direita ou na esquerda. Estava usando um colar de contas de cristal pendurado um pouco abaixo da marca de estrangulamento. A marca era superficial e irregular, como se tivesse sido feita com algo flexível.

Não encontrei nenhum corte ou hematoma que pudesse sugerir um gesto de defesa, tampouco outros sinais de violência além do estrangulamento. Eu não sabia como nem por que aquela garota havia sido morta, mas meus olhos e minha intuição me diziam que ela não tinha morrido naquele carro. Era possível que tivesse sido levada para ali e colocada naquela pose como um recado para alguém. Dificilmente o assassino se dera a tanto trabalho por minha causa. Pelo menos era isso que eu esperava.

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
ou siga-nos no Twitter @editoraarqueiro.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá  
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,  
escreva para [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
ou mande uma mensagem para o Twitter @editoraarqueiro.

EDITORA ARQUEIRO  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)